CASTELOS

(em pandemia)

Introdução

(ou o início de tudo)

A ciência e a arte são tradicionalmente compreendidas como dois campos distintos. Mundos independentes, com suas particularidades. Essa cisão reproduz a forma como esses saberes foram estruturados na sociedade, influenciados por poderes econômicos, sociais e políticos (FERREIRA, 2010).

Estes dois campos, a princípio concebidos separadamente, vêem-se reintegrados no século XXI, constituindo o campo de cienciarte (ou arteciencia), cujo nascimento é marcado pelo Manifesto ArtScience (SILER, 2011). Seu objetivo é provocar uma reflexão sobre as consequências epistemológicas da separação entre arte e ciência ao longo da história da humanidade, estimulando sua reintegração e, assim, contribuindo para a adoção de uma novas perspectivas e formas de interpretar a realidade e de construir conhecimento (SILER, 2011).

A Fundação Oswaldo Cruz foi uma das principais instituições, no Brasil, a engendrar essa mudança. Desde o final do século XX, a instituição vem atuando nas áreas acadêmica e profissional, contribuindo para o desenvolvimento da cienciarte enquanto campo interdisciplinar (SAWADA, FERREIRA, ARAÚJO-JORGE, 2017; ARAÚJO-JORGE et al., 2006; ARAÚJO-JORGE, BORGES, 2004). Um dos exemplos de sua importante atuação refere-se, em especial, à oferta de uma disciplina de pós-graduação - CienciArte I - cujo tema é cienciarte.



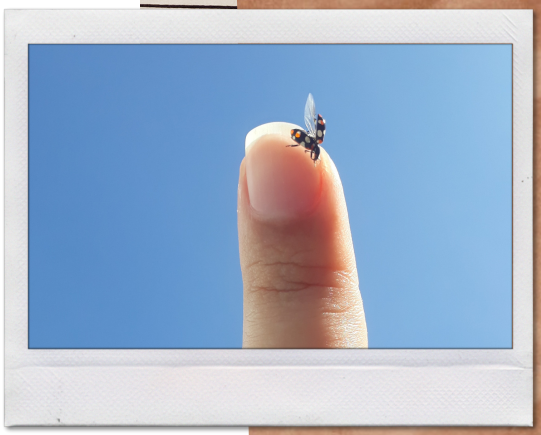
Tradicionalmente presencial, a disciplina de CienciArte I foi oferecida em formato remoto pela primeira vez no ano de 2021, devido às limitações impostas pela pandemia do novo corona vírus, SARS-CoV-2, causador da COVID-19. Assim, a disciplina sofreu adaptações e fomos construindo juntos este formato, aula a aula, vivendo os desafios e criando vínculos.

Tendo isso em vista, esse trabalho tem como propósito contar um pouco sobre a trajetória de um grupo de alunas da disciplina CienciArte I durante esse ano atípico. A escolha dessa experiência como tema para o trabalho final nasceu dos profundos momentos de aprendizado e da possibilidade de desconstrução de paradigmas, fomentados por esta disciplina.

Em particular, optamos por aprofundar a experiência de produção do trabalho "Olhar criativo", que resultou em um vídeo intitulado "CASTELOS (em pandemia)".

Trata-se de um relato conjunto, inspirado no "castelo das mil e uma noites" da instituição que nos forma enquanto pesquisadoras - o Castelo Mourisco da Fundação Oswaldo Cruz - retratando nossos castelos particulares, onde habitamos e co-habitamos com os nossos e as múltiplas identidades da mulher (mãe-filha-esposa-professora-dona-de-casa-pesquisadora-artista) em pandemia, a partir da música "Triste, louca ou má" de Francisco, el hombre.

Triste,
Louca
Ou má.... ?



Nosso intuito foi criar uma narrativa que desse visibilidade não só às múltiplas tarefas realizadas pela mulher, mas que também lançasse um olhar em lupa sobre a competência feminina de manter-se atuante, necessária e sensível dentro de sua casa e fora dela, mesmo em tempos de encontros, de aprendizagem, de ciência e de artes dentro do modo remoto de trabalho e de ensino.

Assim, "CASTELOS (em pandemia)" – agora em versão escrita – conta a trajetória do grupo nove desde a escolha do grupo, passando pela escolha do tema até o detalhamento da produção do vídeo trabalho. Outra vez, são retratadas a situação de vulnerabilidade e a sobrecarga, física e psicológica, para todas as mulheres - tão plurais - na pandemia, assim como a relação rizomática entre Ciência e Arte na forma de conceber e produzir os materiais resultantes ao longo da disciplina.

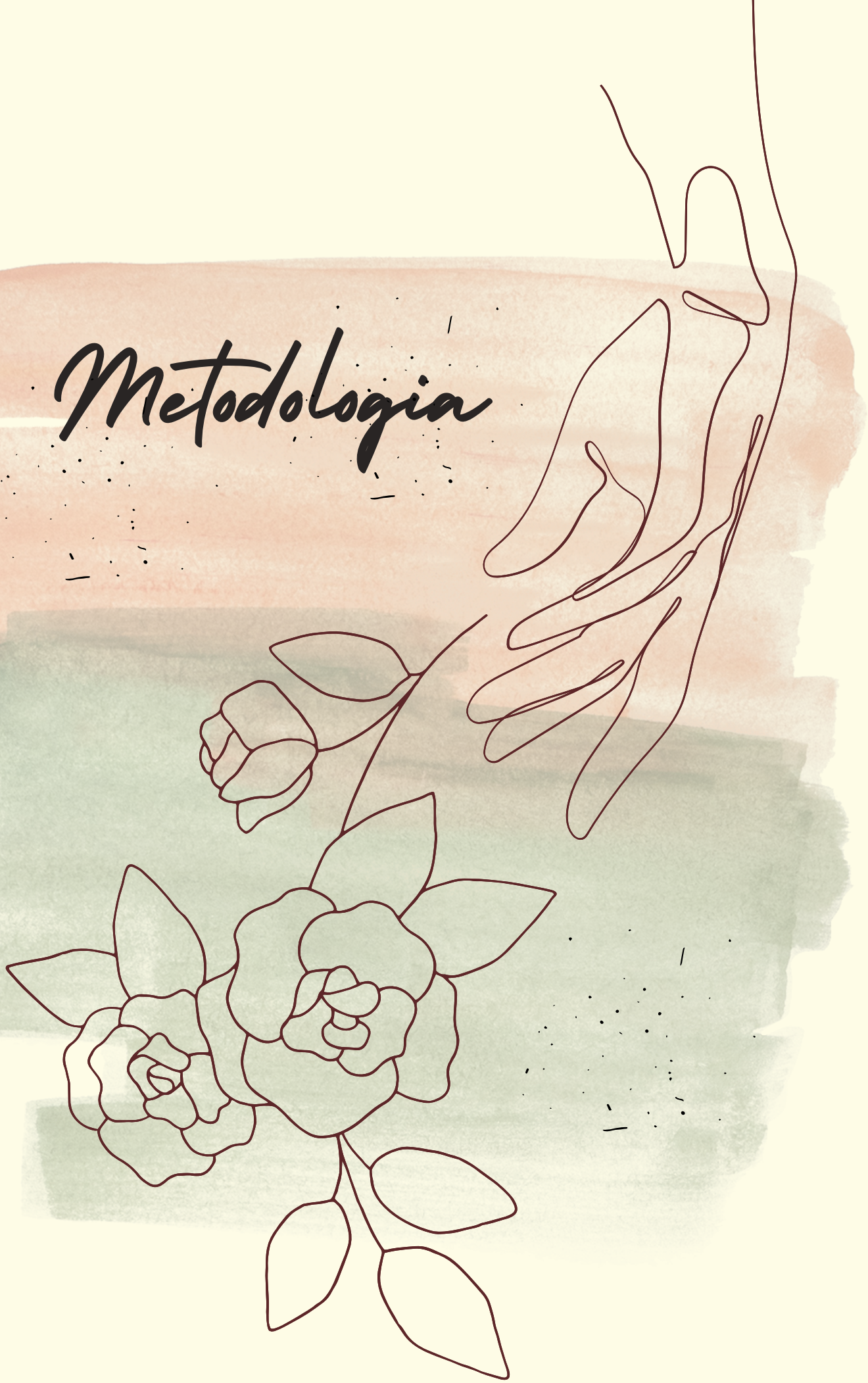
Objetivos

O objetivo geral deste trabalho é produzir um relato de experiência sobre a trajetória das integrantes do grupo nove da disciplina CienciArte I durante a primeira aplicação remota da disciplina e a experiência de criação coletiva de um vídeo, em virtude do cenário de restrições sanitárias impostas pela pandemia.

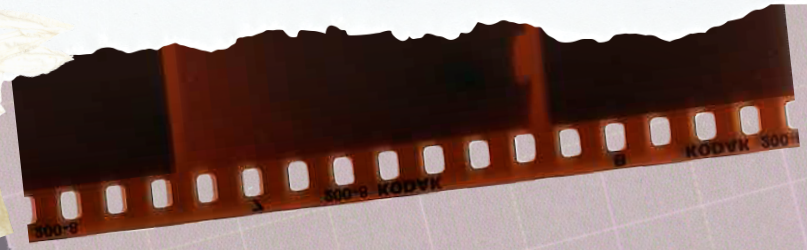
Como objetivos específicos, este trabalho pretende:

- Aprofundar a experiência de produção do trabalho “Olhar criativo”, que resultou em um vídeo intitulado “CASTELOS (em pandemia)”;
- Discutir a situação de um grupo de mulheres durante o período de restrições sanitárias impostas pela pandemia, diante do acúmulo de funções cotidianas enfrentado por elas;
- Conjugar Ciência e Arte na forma e no conteúdo presentes no trabalho final da disciplina CienciArte I.

Metodologia



Participaram deste trabalho seis alunas matriculadas na disciplina de CienciArte I no primeiro semestre do ano de 2021. O relato de experiência apresentado por cada uma delas teve por base um roteiro de seis perguntas, as quais refletiam o tema principal: a experiência na disciplina e, especificamente, de produção do trabalho "Olhar Criativo". As perguntas que guiaram o relato encontram-se no Quadro 1.



Quadro 1. Questões norteadoras do relato de experiência.

Questões norteadoras do relato de experiência
Por que você escolheu cursar a disciplina CienciaArte I?
Como você lidou com a imposição de participação no grupo 9 e como foram as interações com o grupo ao longo da disciplina?
Como se deu a escolha do tema do vídeo trabalho?
Como foi o processo de produção do vídeo trabalho?
Como você avalia a disciplina?

Grupo nove



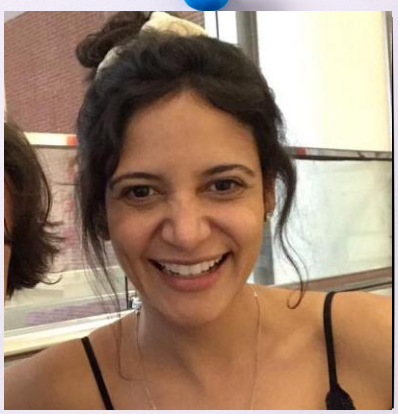
Aline



Analu



Ana Caroline



Cinthia



Larissa



Roberta



As participantes tiveram liberdade de produção dos seus relatos, que foram apresentados no formato desejado. O intuito desta decisão foi conferir liberdade artística. A partir dos relatos de cada uma das seis participantes, foi produzido um relato final, sintético, como um “bricoleur” - isto é, com recortes e colagens dos textos individuais das seis mulheres que compõem o grupo, reorganizados para formar um único discurso.

A decisão quanto a este ponto foi inspirada no livro “As Meninas”, da autora Lygia Fagundes Telles. A obra relata a história de três estudantes mulheres, cujas trajetórias não são identificadas nominalmente na narrativa. Assim, cabe ao leitor, a partir das nuances de estilo e personalidade de cada personagem, compreender a quem a narrativa se refere. De maneira semelhante, o presente relato pretende mesclar a voz dos sujeitos participantes, identificando-as apenas pela fonte utilizada em seu processo de produção, a qual é diferente para cada participante.

A forma literária da narrativa, escrita em primeira pessoa e com inspiração na grande escritora citada, vem ecoar e dar continuidade à forma de elaboração e produção do vídeo “CASTELOS (em pandemia)”, produzido coletivamente pelo grupo. O processo experimentado - vivenciando novas linguagens e liberdade para expressar-se além do texto escrito formal durante a produção do vídeo - foi tão impactante, que decidiu-se por uma produção também poética descrevendo esse processo como produto para o trabalho final da disciplina.

Para Belidson Dias (2013, p. 23):

> [...] os pesquisadores envolvidos em desconstruir a escrita acadêmica dominante, desafiam a voz do observador acadêmico como possuidor de todo conhecimento, exploram modos criativos de representação que reflitam a riqueza e a complexidade das amostras e dados de pesquisa e desse modo promovem múltiplos níveis de envolvimentos, que são simultaneamente cognitivos e emocionais.

Assim, privilegiando uma escrita emocional em primeira pessoa, o produto final, organizado em um *scrapbook*, retoma o processo de aprendizado e experiências emocionais, sinestésicas, cognitivas, individuais e coletivas vivenciadas na disciplina CienciArte I e seus desdobramentos.



Desenvolvimento

foi assim que



aconteceu

PRESTE BEM ATENÇÃO



primeira parte

DOS MOTIVOS DA CIENCIARTE

Eu sempre soube.

Sempre esteve tudo ali, na nossa cara.

Nunca houve, na prática, ruptura entre o sentir e o pensar, entre o ensimesmar e o construir, entre o poetizar e o descobrir.

Alguém, algum dia, inventou de querer endurecer umas coisas e afrouxar outras, como se os elementos que formam o mundo não estivessem interligados.

escolhas

Essa disciplina chegou de mansinho e tomou conta. Nos uniu e nos preencheu. Ela abre os horizontes, desconstrói conceitos e aproxima tantos outros. Ela nos tira de tantas armadilhas paradigmáticas. Sai da caixa do "certo e errado" e nos ensina a duvidar, questionar e criticar positivamente o que nos rodeia.

A minha relação com Ciência e Arte começou no processo seletivo, onde o texto sobre a pesquisa em Ciência e Arte no Brasil e o Manifesto Artscience estavam contidos na bibliografia para a prova escrita. Os textos me cativaram muito e me fizeram refletir demais sobre como eu deveria explorar o meu olhar criativo e conectar a Ciência, a Arte, as emoções, a vida e tudo que podemos a modo de enxergar o mundo de forma completa.

Porque a Ciência é vida
E a Arte aviva!
A Ciência investiga, testa, comprova...
A Arte provoca, renova,
Ancora e deixa ir
Ao livre de tudo que pode ou não existir.

Ciência e Arte,
Arte e Ciência
Foi porque percebi em essência
Que a união faz parte
(E contraparte)
Da CienciArte.

CienciArte é uma rotação da terra
Um dia e uma noite.
As vinte e quatro horas completas
Beleza do sol e das estrelas
De harmonia ou desarmonia
Necessidade que escurece e depois ilumina
É intercessão no crepúsculo
Aurora boreal pós lusco-fusco.

Totalidade. Completude. Cienciarte I, ou a "pioneira" Cienciarte online. OportunPensar fora de todas as caixas que nos são impostas: do ensino tradicional, da transposição das aulas presenciais para as remotas, do conteudismo, da limitação interativa imposta pela pandemia. Cienciarte mostra que há outras possibilidades.

Acho que a palavra de ordem, aqui, é prazer. Eu me inscrevi buscando algo que eu sinto falta na minha formação acadêmica em geral: o prazer. Na escola, as aulas de arte sempre me trouxeram essa sensação. Eram as mais descontraídas, as mais leves. O mesmo aconteceu na faculdade. Tive uma única disciplina de ciência e arte na faculdade inteira. Optativa. Por que será que a escolhi, né? Foi a melhor disciplina que fiz. Tudo com fundamento, com reflexão, mas sem deixar de ser prazeroso. Me deu uma visão completa das coisas, inclusive da ciência. Ampliou os horizontes sem deixar de lado o compromisso com a formação acadêmica de excelência. E desde então, é isso o que busco. Essa leveza na vida acadêmica, sempre que possível. E o ampliar dos horizontes, as novas perspectivas que abordagens como essas trazem pra gente. Acho que faz parte de se tornar um ser humano melhor.







segunda parte

DO GRUPO NOVE

- Não vou mentir: tive receio.

- Nem eu: tive pavor. Cólicas.

- Esse negócio de trabalhar com quem não conhecemos pode ser… difícil.

- O quê? Trabalhar com desconhecidos pode ser pavoroso! Todo mundo achando a ideia horrível, mas sorrindo amarelo pra não tornar o ambiente constrangedor. Cruzes!!!

- A gente vai ficando velho e vai se tornando muito seletivo, sabe?

- A gente tem resistência a fazer amiguinho novo. Preguiça.

- O cansaço que precede o esforço. A gente fica cansado só de pensar na possibilidade, sabe?

- Pronto! Já estou até antevendo mais um grupo com reuniões intermináveis nesse tempo de trabalho remoto. Misericórdia!

Mas aí, finalmente nos conhecemos. E nossa primeira interação, para execução do vídeo trabalho, já deixou claro que nos daríamos bem. E agora vem o momento biologia, porque, como boa bióloga, não posso nunca escapar aos paralelos com o mundo natural. A atuação no nosso grupo me lembra um dos mais belos exemplos de trabalho em equipe na natureza: as formigas. Com proatividade, planejamento e responsabilidade, o que era pra ter sido um fardo, caso individual, acabou sendo leve, pois o peso foi distribuído entre todas.





Pra mim vem o momento Arte, porque como artista e arte/educadora, não posso nunca escapar aos paralelos com o mundo artístico. As metáforas individuais tornaram-se narrativas coletivas numa visualidade única. Seis discursos metamorfoseados numa travessia de CienciArte.

A formação de um grupo foi um susto!
Sou mulher mãe pesquisadora na pandemia
Sufocada pela rotina
Mestranda sozinha
Madrugada é minha sina...
Me preocupei então:
Como trabalhar com as meninas?

Elas chegaram
Se apresentaram,
O grupo se fez.

Foi como a força e direção de um girassol
A flor que busca a luz,
Que não é eterna
Mas deixa sementes
Que se rompem e germinam na terra.

As interações foram laços
Redes tecidas para deitar
Embalar, ler um livro e pensar.
Foram raras peças de uma roca de fiar
E da levezas de nossos algodões
Novelos surgiram a me inspirar.

O que doei não sei
Mas harmonizei à engrenagem
Dela produzi e de mim produziram
Engenhosamente,
Delicadamente,
Com a sintonia que se espera,
De um grupo que prospera.

O desconhecido assusta, mas também surpreende. Trabalhar durante a disciplina com um grupo totalmente novo, onde eu não conhecia nenhuma das integrantes, onde deveríamos alinhar (ou desalinhar) ideias e estabelecer um fluxo de trabalho se revelou como mais uma oportunidade de sair das nossas caixas, aprender, ensinar, romper barreiras, transpor muros. E que grata oportunidade de conhecer novas pessoas e novos olhares. Quanto aprendizado e partilha envolvidos. Mesmo no sistema remoto o acolhimento se fez presente.

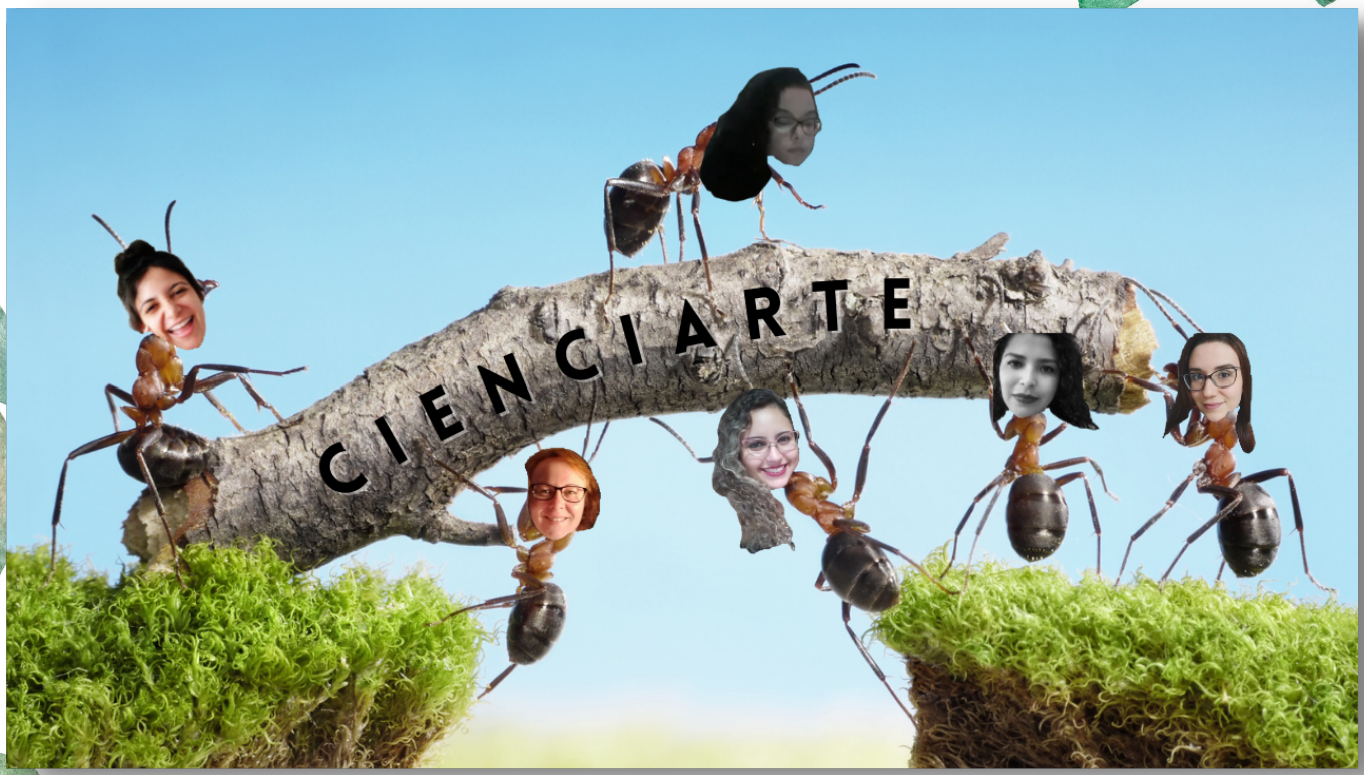
Nunca tive a oportunidade de conhecer nenhuma das participantes pessoalmente.... e como se não bastasse uma pandemia eu atravessava uma mudança interestadual. Tanto caos ao meu redor, embalados em caixas de papelão, sacos plásticos e no meu coração. Perda de pessoas queridas que se forma para não voltar e perda daquelas que eu deixei lá pela Gerais....

Uma das surpresas mais agradáveis foi conhecer o grupo nove e ter a oportunidade de desenvolver trabalhos tão incríveis com cada uma das integrantes. Nossa primeira reunião de grupo foi um encontro de almas. Nós ficamos muito à vontade para contar nossas histórias e nos identificamos com nossas diferenças e similaridades.

Grupo nove: presente

Foi um belo presente, no fim das contas, que me deixou lamentando o fato de estarmos em pandemia e não podermos nos reunir, quem sabe, numa sexta-feira, pra tomar uma cerveja e estreitar laços. E, pensando bem, foi também um tapa na cara, esse grupo nove. Um tapa na cara do meu pré-conceito.




CIENCIARTE



terceira parte

DA ESCOLHA DOS CATELOS

Olhando em retrospectiva, acho que somos o que se pode chamar de equipe, de verdade. Na maioria dos trabalhos de grupo que fiz na vida, a responsabilidade sempre acabava pendendo pra um integrante ou outro. Isso aconteceu até mesmo na pós-graduação.

Desta vez, não. Toda a construção do trabalho, desde a sua concepção, até sua execução, foram fruto de um esforço conjunto e equivalente. O resultado final ficou muito além do esperado.



Cada uma ficou responsável por registrar por meio de vídeos e imagens a nossa rotina feminina nessa pandemia, mostrando nossas tarefas, prazeres, cuidados, cada uma com sua história e cada uma com sua característica única.

Eu fui desfazendo uma mala e tirando uma foto ... esvaziando uma caixa e fazendo um vídeo ... recebendo o caminhão da mudança e enviando as fotos para Larissa!

Dentro da proposta apresentada como trabalho da disciplina, de fazer um vídeo se aproximando dos exibidos durante a aula, a ideia apresentada pela Analu foi como um abraço, a chance de re significar nossas múltiplas práticas vivenciadas durante o período da pandemia. Analu trouxe à discussão essa temática tão sensível e marcante, alicerçada em suas próprias leituras, generosamente partilhou conosco e nos fez descobrir outras formas de linguagens. Nos organizamos para que cada integrante registrasse suas atividades cotidianas e trouxesse esses olhares da multiplicidade de perfis que temos, entre nós e dentro de nós, em vídeo. O resultado final? Lágrimas! Não de tristeza mas de emoção. A edição realizada pela Larissa culminou em uma obra ímpar, carregada de sentimentos e significados, que emociona não apenas nós integrantes-participantes do grupo mas outras pessoas que assistem.



Analu idealizou
Todo o grupo trabalhou
A Larissa juntou,
Sequenciou,
Sublimou!

Rotinas gravadas,
Na pandemia exacerbada.

Da mulher que trabalha,
Que estuda,
Que cuida.
Da que faz Ciência e faz Arte
Faz CienciArte.

Do labor que todos necessitam,
Do pensar ao fazer contínuo,
Nos detalhes que quase ninguém vê
Mas que se faltam, são antídotos
Para a invisibilidade do cuidado tão afinco
Que ela dedica a tudo aquilo.

Família, casa, mestrado,
Saúde, paz, cansaço,
O descanso frustrado.
O afago de um ente
Que abraça e a compreende.

Ela sabe que se vira!
Que o dia a dia a desafia!
Mas que nada a define.
Mulher é única
Dentro e fora das labutas
Das carnes,
Das regras da humanidade.

Saindo do pensamento popular,
Decidimos então mostrar
Que o mundo inteiro não nos define,
Somos nosso próprio lar.

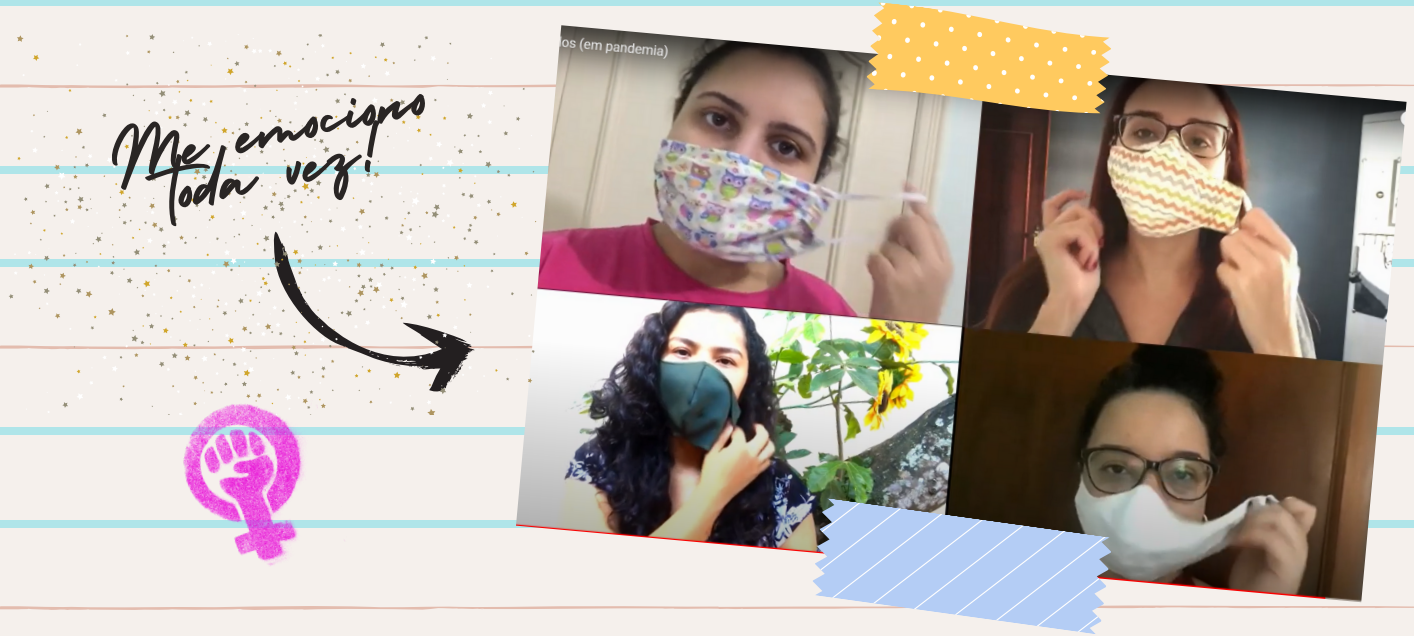




quarta parte

DO REGISTRO DOS CASTELOS

Sem um pingo de demagogia, foi um dos trabalhos mais prazerosos que já fiz na vida. Na etapa de planejamento, quando ainda estávamos traçando o roteiro e acertando os detalhes, eu já podia ver o produto na minha mente. E eu fiquei MUITO animada, sabe? Com vontade de fazer tudo naquele instante, porque era uma ideia incrível e porque eu ia me divertir no processo. E, claro, porque o produto final era sensível e impactante. Eu adoro fazer coisas que impactem as pessoas e as levem à reflexão.



Fiquei responsável pela edição do vídeo e me lembro de ficar conferindo o repositório onde as meninas tinham que postar os arquivos, pra poder dar início às edições. Era muita ansiedade. Produzi o vídeo em menos de um dia, um recorde pras minhas habilidades amadoras de edição, tamanho foi o empenho que coloquei na tarefa.

Depois de pronto, eu ficava assistindo o vídeo em loop. Mostrei pra mãe, pro pai, pros amigos, pro namorado. Fiquei com muito orgulho da nossa produção, sabe? Ficou simples, bonito e poderoso. Ao menos ao meu olhar de mãe coruja.

É pra filmar. Putz.

Filmar. Sério?

Filmar o quê?

Ações cotidianas.

Agradáveis ou desagradáveis? Sim, porque nem tudo que eu preciso fazer todos os dias é muito agradável.

Tá, vou fazer. Vou pedir ajuda, é difícil fazer sozinha.

Vocês viram isso, meninas? Nessa cena aqui do clipe. Há um terceiro olhar que perscruta meu olhar no espelho ao maquiar meus olhos. Isso é Foucault. Como no quadro “As meninas”, do Velasquez.

(...)

Observei que quando tiro as roupas da corda a expressão do meu olhar é a mesma de minha mãe. As mães devem ter os mesmos pensamentos e as mesmas emoções quando retiram a roupa da corda em qualquer época ou lugar do mundo.

(...)

Quando vejo Aline amamentando na madrugada com o computador sobre os joelhos sou invadida por uma gama enorme de sentimentos. Nunca mais ninguém precisará me explicar o sentido das palavras: amor, maternidade, doação, garra e sororidade.





Grava daqui
Grava dali
Grava por dias,
A cozinha, o café, a beleza
O acordar, o despencar (sim, despencar!),
Grava de novo?
Tem que ser natural.
Por favor, é na horizontal.

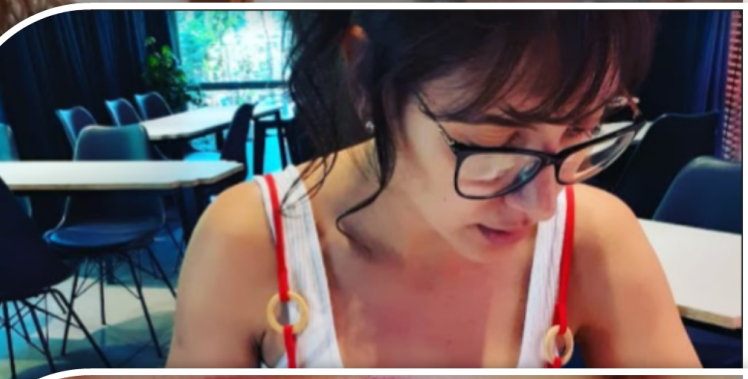
Temos prazo,
Mas ninguém apressa,
Não estressa,
É para ser prazeroso,
É para ser legal...

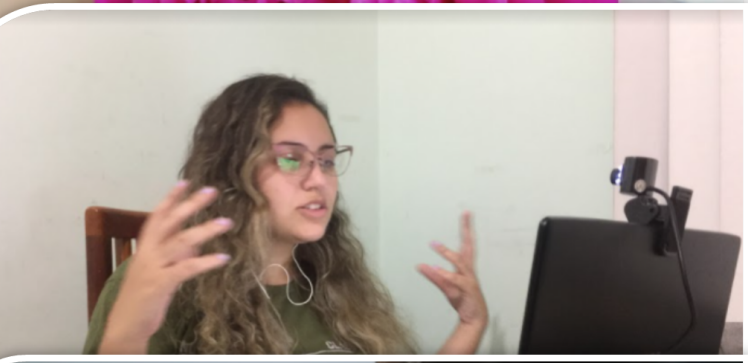
E foi.
Foi rico
Magnífico
Foi leve
Foi real.
Sensibilidade concretizada
Em imagem, cor e luz
Na produção que para nós,
Reluz.

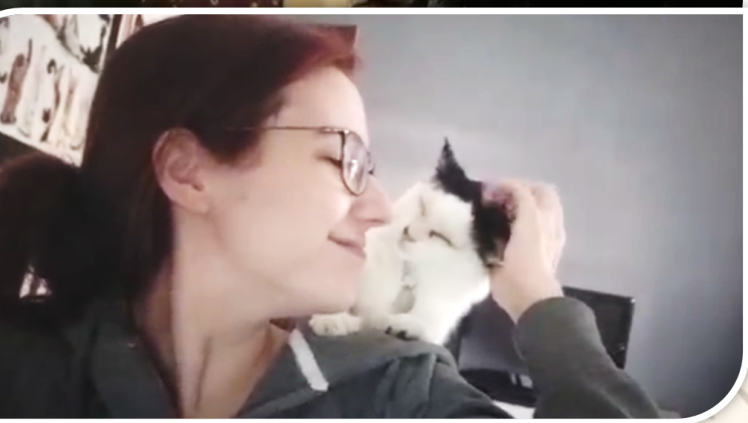


Fomos gravando nossos vídeos, tirando fotos, sendo quem somos. E no fim nos vimos tão próximas. Mulheres, cientistas, artistas. Ahh... que emoção ao ver nosso vídeo pronto! Fui às lágrimas! Todas fomos! Porque ali éramos nós mesmas. Vi minhas origens e me conectei com as referências, não bibliográficas, mas da minha estrada. Vi em vídeo os "teóricos" que me baseiam.... meus amigos, pais, pets, minhas paixões...

Então tudo foi se organizando. O trabalho sendo entregue, a vacina chegando aos meus e a nós. Meus móveis, o quarto, a nova casa. Às vezes ainda me perco no bairro... Minha vida se reestruturando, enquanto meu novo vizinho se dedica diariamente por horas a tocar com maestria uma das obras de Bach. Em alguns momentos a vida nos bagunça, em outros nós nos reconstruímos em outro castelo.





G

9





quinta parte

DO QUE FICOU

Já no início das aulas me surpreendi com a lindeza e profundidade metodológica da disciplina, conectando a Ciência e a Arte de forma mágica, pois cada aula nos dá a sensação de estarmos imersos num mundo científico e artístico, ficando cada vez mais difícil desassociar os dois.

Essa é uma disciplina riquíssima! Aqui aprendemos a confiar no processo...sem medo da avaliação. Podemos criar e nos expressar. Como professora pude sentir a importância de viver e experimentar. O resultado final não poderia ser melhor, um orgulho imenso de tudo o que criamos e gratidão a todos os envolvidos.

Cienciarte, a disciplina, é pé na porta! Explosão. (Re)significar. Integração. Multiplicidade. Oportunidade. Sair do lugar comum e da zona de conforto. Desencastelar a conhecida vivência acadêmica de tantos anos e pisar em outros chãos. Avaliá-la enquanto ainda curso a disciplina é externalizar sentimentos que estão sendo vividos a cada semana. Isto torna qualquer relato ainda indefinido à medida que estão em processo de construção mas também vivo, pulsante. Como cada aula, cada uma das muitas atividades que desenvolvemos, cada oportunidade de descoberta. A disciplina agrega sentidos a minha prática como professora-pesquisadora e traz o aporte teórico que eu esperava quando me inscrevi.





Avaliar não é fácil,
Quanta coisa a considerar...
Penso que essa disciplina
Iniciou na liberdade de ser eletiva,
E de abraçar quem se afetiva.

Ensino remoto não é fácil
As janelinhas que entram
Apagam aos poucos
O tom das vozes que no presencial
Já não ouço.

Mas em meio a tantas dificuldades
Foi o calor da CiênciArte
Que me fez não desistir
Dessa e de outras atividades.

A disciplina vive, pulsa e transborda!
Se o AVA nem sempre é claro
O ao vivo vem e aborda
Colocando a dúvida no lugar raro
Do que é simplesmente solucionado.

Da disciplina eu só guardo o melhor
E o melhor imperou.
Dela apenas um lamento levo,
De não ter ido lá no castelo
Que tanto quero!



Foi uma surpresa muito boa. Eu adoro quando a vida me surpreende dessa forma. Quer dizer, eu já tinha altas expectativas, por conta de experiências anteriores com o tema, mas o que rolou entre abril e junho… eu não estava preparada pra isso, ok? Esse conjunto da obra.

A disciplina me surpreendeu por trazer uma forte carga teórica associada ao campo CienciArte, a qual inclui a história do desenvolvimento do campo, que perpassa a FIOCRUZ e que eu desconhecia totalmente. Isso foi muito importante para eu poder me munir de referenciais e fundamentar futuras práticas.

Dá pra resumir com uma miscelânea de palavras. E, para combinar com o título desse trabalho, vou resumir em um acróstico, com palavras que usei no meu processo de metaformação, para chegar às reflexões deste trabalho:


CIENCIARTE
afeto
surpreendente
descoberta
aprendizado
formação
colaboração
trabalho
desafio
interação
complicidade

Eu sempre soube.

Sempre esteve tudo ali, na nossa cara.

Nunca houve, na prática, ruptura entre o sentir e o pensar, entre o ensimesmar e o construir, entre o poetizar e o descobrir.

Alguém, algum dia, inventou de querer endurecer umas coisas e afrouxar outras, como se os elementos que formam o mundo não estivessem interligados.

Quem descobre o tom ideal do turquesa presente tantas vezes na obra de Matisse, acrescentando uma ínfima quantidade de pigmento magenta à mistura fria de verdes e azuis? A porção cientista ou a porção artista que habita aquele ser?

Quem é capaz de traduzir para uma representação através do desenho a coxa torneada em escorço da modelo que posa sob a luz da manhã? A parte que domina o artista fascinado pela cena ou a parte que evoca a racionalidade do conhecedor de perspectiva?

Quem foram os homens e mulheres capazes das maiores descobertas no mundo das Ciências? Aqueles dominados pela pura racionalidade? Aqueles que se deixavam levar por arroubos criativos?

Ciência e Arte sempre caminharam juntas. CienciArte.

Eu sempre soube.

Sempre esteve tudo ali, na nossa cara.





Considerações finais

(para todo fim, há um começo)

Este trabalho teve como objetivo possibilitar ao leitor sentir, a partir dos relatos das integrantes do grupo nove, as experiências que ocorreram durante o período de curso da disciplina CienciArte I, enfatizando o surgimento da conexão das meninas durante o trabalho “Olhar criativo”, a agradável surpresa com a disciplina, os desafios referentes ao ensino remoto e identidade feminina tendo em vista as características que nos unem e mostram a nossa força como mulher cientista e artista.

Esperamos que com esse trabalho você, leitor, tenha conhecido um pouco de cada uma de nós usando como apoio às diferentes fontes no qual o texto foi redigido. Além disso, esperamos que você tenha conseguido abstrair, criar padrões, brincar, sentir, se inspirar, assim como nós durante toda a realização do trabalho.

Por fim, espero que você, leitora, tenha se sentido em casa e percebido o castelo existente dentro de você, assim como ele existe dentro de todas nós.

Referências bibliográficas

ARAÚJO-JORGE, T.C.; BORGES, E.L. A expansão da pós-graduação na Fundação Oswaldo Cruz: contribuição para a melhoria da educação científica no Brasil. RBPG, v.1, n. 2, p.97-115, nov. 2004.

ARAÚJO-JORGE, T.C.; BARBOSA, J.V.; LEMOS, E.S. A implantação da Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PG-EBS) na Fundação Oswaldo Cruz: experiências, lições e desafios. RBPG, v.3, n. 5, p.87-106, jun. 2006.

DIAS, B.; IRWIN, R. L. (Orgs). Pesquisa educacional baseada em Arte: A/R/TOGRAFIA. Santa Maria, RS: Editora UFSM, 2013.

FERREIRA, F. R. Ciência e arte: investigações sobre identidades, diferenças e diálogos. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 36, n. 1, abr. 2010.

SAWADA, A. C. M. B.; FERREIRA, F. R.; ARAÚJO-JORGE, T. C. CienciArte ou ciência e arte? Refletindo sobre uma conexão essencial. Educ. Artes Incl. 13(3):158-177. 2017. http://dx.doi.org/10.5965/1984317813032017158.

SILER, T. “The ArtScience Program for Realizing Human Potential” in LEONARDO, Vol. 44, No. 5, pp. 417–424, Cambridge: MIT Press, 2011.